

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CURSO DE GEOGRAFIA

**GOSTAR OU NÃO DE GEOGRAFIA, EIS A QUESTÃO: REFLEXÕES A
PARTIR DE RELATOS DE ALUNOS DAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR SAMUEL JOÃO DE
DEUS DO MUNICÍPIO DE PAULA CÂNDIDO (MG)**

**Monografia de conclusão de curso
apresentada como requisito de
finalização do Curso de Geografia
(Bacharelado) do Departamento de
Artes e Humanidades da Universidade
Federal de Viçosa.**

GRACIELA AQUINO VALENTE.

**Orientador: PROF. RONAN
EUSTÁQUIO BORGES.**

**Viçosa
2006**

FOLHA DE APROVAÇÃO

GRACIELIA AQUINO VALENTE

GOSTAR OU NÃO DE GEOGRAFIA, EIS A QUESTÃO: REFLEXÕES A PARTIR DE RELATOS DE ALUNOS DAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR SAMUEL JOÃO DE DEUS DO MUNICÍPIO DE PAULA CÂNDIDO (MG)

Aprovada em 13 de setembro de 2006.

Monografia de conclusão de curso aprovada como requisito de finalização do Curso de Geografia (Bacharelado) da Universidade Federal de Viçosa, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Maria Isabel de Jesus Chrysostomo

Prof. Eduardo José Pereira Maia

Viçosa, 2006

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por guiar sempre os meus passos. Agradeço também aos meus pais e aos demais familiares pelo apoio e incentivo. Aos meus amigos e às pessoas que passaram a fazer parte da minha vida, pelo companheirismo e amizade. E ao professor Ronan pela orientação e incentivo durante toda a minha graduação.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	5
RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
1- CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA.....	8
1.1 O ensino-aprendizagem de Geografia.....	14
2- METODOLOGIA.....	19
3 A GEOGRAFIA SERVE PARA CONHECER MELHOR O MUNDO...: impressões dos alunos pesquisados.....	21
3.1 Algumas palavras sobre a Escola Estadual Professor Samuel João de Deus.....	21
3.2-O público pesquisado.....	22
3.3-A Geografia em quarto lugar na preferência dos alunos.....	27
3.4-A importância da Geografia no cotidiano: com a palavra os alunos.....	31
3.5-Nós gostamos de Geografia: Perfil dos alunos que gostam de Geografia.....	34
3.6-Palavras e aulas marcantes.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

LISTA DE QUADROS

1- Porcentagem de alunos segundo as faixas etárias de cada série.....	22
2- Porcentagem de alunos que moram na zona urbana e zona rural do município segundo cada série.....	23
3- Porcentagem de alunos trabalhadores segundo cada série.....	24
4- Porcentagem de alunos que gostam ou não de ir à escola de acordo com cada série.	26
5- Porcentagem de alunos que gostam ou não de estudar, segundo cada série.....	26
6- As três matérias/disciplinas que os alunos mais gostam.....	27
7- As disciplinas que os alunos têm as melhores notas.....	29
8- Relação existente entre os alunos e a disciplina de Geografia.....	29
9- Existência de relação entre o que o aluno aprende nas aulas de Geografia e o seu dia-a-dia.....	31
10- Existência de alguma relação entre o que o aluno aprende em Português, História e Matemática com o seu dia-a-dia.....	32

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender o grau de satisfação e as impressões de alunos em relação ao ensino de Geografia. O público alvo da pesquisa foram os alunos das séries finais do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Samuel João de Deus, situada na zona urbana do município de Paula Cândido (MG). Como procedimentos metodológicos, foram realizados, inicialmente a pesquisa documental e a bibliográfica e, posteriormente, foi aplicado um questionário junto a cento e cinquenta e três alunos das referidas séries da escola. Após análise e reflexões a respeito do tema concluiu-se que a maioria dos alunos gosta da Geografia que se ensina na escola e sabem dizer o que se estuda em Geografia, mas apresentam dificuldades de explicar como utilizam estes conhecimentos no seu dia-a-dia, para grande parte dos alunos pesquisados a Geografia não passa de uma “cultura geral”.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia escolar – Dificuldades ao ensinar Geografia – Impressões dos alunos.

INTRODUÇÃO

Partindo-se do pressuposto de que o ensino de Geografia, assim como todo o sistema escolar, não está satisfazendo plenamente nem ao aluno e nem ao professor, este trabalho busca refletir sobre o ensino de Geografia na nossa realidade escolar a partir da fala de alunos das séries finais (5ª a 8ª séries) do Ensino Fundamental.

Este tema surgiu de meu interesse em investigar as impressões dos alunos da escola em que trabalho sobre a disciplina de Geografia. A pesquisa foi realizada com alunos de escola pública, moradores das zonas rural e urbana. Para isso foi aplicado um questionário junto a alunos das séries finais do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Samuel João de Deus, situada no município de Paula Cândido (MG). Desta forma, este trabalho tem possibilidades de contribuir com o processo de procura de respostas a questões relacionadas com as dificuldades de aprendizagem dos alunos e com o interesse/desinteresse destes por Geografia.

As reflexões a respeito do ensino de Geografia foram baseadas em trabalhos e discussões já realizadas sobre o assunto por alguns estudiosos como Lana de Souza Cavalcanti, Nestor André Kaercher, Helena Copetti Callai, Nídia Nacib Pontuschka, Vânia Rúbia F. Vlach, mas, sobretudo nos relatos de alunos coletados através dos questionários.

O texto divide-se em quatro capítulos. No primeiro é realizada uma contextualização e problematização do contexto escolar assim como do ensino-aprendizagem de Geografia à luz das idéias de autores já mencionados anteriormente. No segundo capítulo é relatada a metodologia utilizada nesta pesquisa com embasamento nas teorias metodológicas de Marina A. Marconi e Eva M. Lakatos. O terceiro capítulo refere-se à apresentação da escola onde foi realizada a aplicação dos questionários, às características dos alunos, às respostas destes alunos aos questionários e algumas discussões a respeito do ensino de Geografia no contexto escolar procurando, desta forma, captar entraves e possibilidades da Geografia na Escola Estadual Professor Samuel João de Deus. Por fim, no quarto capítulo, são realizadas algumas reflexões a partir do que foi constatado nos relatos dos alunos com base em discussões dos autores já citados, buscando apontar caminhos para que se possa repensar o ensino desta disciplina.

1- CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA

A sociedade vem passando por uma série de mudanças no âmbito social, político, ideológico e cultural. Kaercher (1999) afirma que o extraordinário avanço da razão e da ciência tornou evidente o fracasso de se construir uma sociedade mais igualitária e solidária com base na técnica, que, no lugar de ser prioritariamente voltada para combater as desigualdades sociais, acaba virando *fetiche*, objetivo maior dos governos e empresas. Dá-se prioridade à estrutura econômica em detrimento da estrutura social. A educação pública permanece em segundo plano. Há que se pensar então não só numa nova escola, mas uma nova economia, uma nova sociedade e em novas prioridades.

O que dizer da escola neste momento histórico? Em primeiro lugar, “é preciso reafirmar esta instituição como um dos locais destinados a propiciar a formação humana: promover a auto-reflexão e o desenvolvimento de operações mentais necessárias à prática cotidiana consciente e crítica” (CAVALCANTI, 1998).

Segundo Seabra (2001), a atualidade do ensino no Brasil é dramática, pois o sentido que as políticas públicas vêm imprimindo à educação é de segmentação das escolas com a finalidade de conseguir alguma melhoria qualitativa no ensino para áreas estrategicamente concebidas, a rigor, as estratégias para a escola pública estão inseridas nas políticas de ajuste do Banco Mundial.

Além disso, o quadro da educação é desanimador para os que lutam por ela e pela dignidade dos seus profissionais devido aos baixos salários, más condições de infra-estrutura material, descaso e autoritarismo das autoridades governamentais, dentre outros.

Completando este quadro, os altíssimos índices de evasão, o baixo rendimento da aprendizagem, o grande desinteresse dos estudantes pelas matérias de estudo, constituem sintomas do fracasso escolar. Nesse sentido, Amaral (1998) coloca que são bastante conhecidas as causas sócio-econômicas de tal fracasso, que têm sido contemporizadas através da merenda escolar, atendimento médico-odontológico em algumas escolas, distribuição gratuita de material didático etc. Mas o fracasso escolar resiste:

[...] persistem as precárias e injustas condições que regem a vida dos estudantes e os currículos escolares referendam a injustiça social e

teimam em ignorar os alunos que trabalham, insistindo em abordagens de conteúdo e metodologias de ensino que pouco ou nada têm a ver com o aluno de um modo geral, com o aluno típico da rede pública e com o momento histórico brasileiro. (AMARAL, 1998, p.69)

Não é possível, de acordo com Pontuschka (2000), pensar o ensino e a aprendizagem da Geografia sem pensar que ela é parte integrante deste contexto escolar. A preocupação deste trabalho é com a escola pública como um espaço social que apresenta forças, fragilidades e limites. E, por ser uma instituição destinada à formação humana é preciso refletir também sobre o papel da escola para as sociedades.

[...] a escola como um tempo-espaço de desenvolvimento de competências e habilidades, reconstrução permanente de valores significativos para a vida social, tem papéis específicos nas sociedades que variam com os contextos e com as intenções político-pedagógicas que mantêm um núcleo comum: “contribuir para a aquisição e desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao tempo-vivido através da mediação dos conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que compõem o currículo escolar, dentre elas a Geografia”. (SILVA, 1998, p.105)

É importante ressaltar que a Geografia, sozinha, não dá conta dos objetivos que a escola se propõe. Nesta perspectiva, Kaercher (1999) afirma que juntamente com outras disciplinas escolares, a Geografia pode ser um instrumental valioso para elevar a criticidade dos alunos, pois trata de assuntos intrinsecamente polêmicos e políticos quebrando a tendência secular da escola como algo tedioso e desligado do cotidiano. Pontuschka (2000) também compartilha desta idéia, pois segundo ela a interação com os professores das demais áreas do conhecimento e a cultura escolar é necessária no sentido de mobilizar toda a possibilidade existente nesse espaço em direção à formação do aluno no seu movimento de vida e nas relações sociais que mantêm no interior de grupos sociais e nas instituições a que pertence ou a que venha a pertencer, contribuindo, desta forma com a construção da cidadania do aluno.

É quase consenso, nos documentos oficiais e nos escritos não-oficiais, que a escola precisa contribuir para a construção da cidadania.

Mas perguntamos o que é cidadania? Como conceituar cidadania em uma sociedade tão desigual na qual pensadores contestam até a existência efetiva do cidadão em um país como o Brasil? [...] A construção da cidadania como grande meta é extremamente difícil de ser realizada, pois na escola pública temos uma população numerosa, heterogênea do ponto de vista socioeconômico e cultural; diferenças de idade, de valores, de hábitos, de origens regionais, sociais e

culturais, na qual os preconceitos e as ideologias dominantes somente podem ser superados com muito trabalho por parte do conjunto dos professores. (PONTUSCHKA, 2000, p.147)

Porém, de acordo com Cavalcanti (1998), a escola guarda consigo a possibilidade de transformação, pois é na heterogeneidade de valores, conhecimentos, modos de pensar, linguagens – que trazem a marca da diversidade social – que está possibilidade do confronto, da transformação, da reação. Como realidade dialética, a escola tem a possibilidade de contribuir para emancipar o homem, torná-lo cidadão autônomo, consciente, participativo, capaz de conduzir sua própria vida no cotidiano.

Diante disso, faz-se necessário basear a prática docente na realidade do aluno para, a partir dela, aumentarmos as ligações entre os conteúdos escolares e a vida cotidiana. De acordo com Pontuschka (2000), um dos saltos qualitativos das últimas décadas do século XX, no campo da educação consiste no fato de que o currículo da escola deva partir do conhecimento prévio¹ e não de um elenco de conteúdos selecionados por órgãos educacionais superiores. Mas, ainda mesmo que esse pressuposto exista teoricamente, na prática o estilo convencional de ensinar continua a ser predominante – a listagem de conteúdos disciplinares constituídos e a imposição de proposições oficiais.

Não é objetivo deste trabalho discutir o currículo escolar, mas é impossível não fazer qualquer referência a ele quando refletimos sobre o ensino de Geografia na escola e seu significado para o aluno. Assim, como em qualquer outra disciplina escolar, o ensino de Geografia deve partir da vivência do aluno, do conhecimento que ele traz do seu cotidiano, visto que o conhecimento empírico do espaço é feito pelo homem diariamente, pois, desde sempre, conhecer o espaço circundante é imprescindível para a sobrevivência. Porém, é preciso considerar que a sociedade levou centenas de anos para sistematizar a reflexão sobre esse tipo de conhecimento e, há pouco mais de cem anos, criar as primeiras cátedras de geografia em universidades.

De acordo com Cavalcanti (1998), a história da Geografia como disciplina escolar tem início no século XIX, quando foi introduzida nas escolas com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos a partir da difusão da ideologia do

¹ Os conhecimentos que os alunos já possuem sobre o conteúdo concreto que se propõe aprender, que abrangem tanto conhecimentos e informações sobre o próprio conteúdo como conhecimentos que estão relacionados ou podem relacionar-se com eles (MIRAS, 2004, p. 60).

nacionalismo patriótico. Essa função ideológica reapareceu, mais tarde, quando o objetivo da disciplina passou a ser a transmissão de dados e informações gerais sobre os territórios do mundo em geral e dos países em particular.

Durante décadas o ensino de Geografia, tanto nas fases do ensino fundamental como no ensino médio, era composto de conteúdos pré-estabelecidos e atividades baseadas em nomes de localidades, rios, vegetações, climas e aspectos físicos de relevos de determinadas regiões. O peso da descrição física na Geografia escolar foi sempre importante.

A Geografia é antes de tudo a disciplina que permite, pela descrição, conhecer os lugares onde os acontecimentos se passaram, ela foi concebida inicialmente como auxiliar da História no quadro de ensino. O objetivo não é o de raciocinar sobre um espaço, mas de fazer dele um inventário, para delimitar espaço nacional e situar o cidadão neste quadro. (BRADANT, 1976, p.6)

Cavalcanti (1998) afirma que, a partir do momento em que o objetivo da disciplina de Geografia passou a ser a transmissão de dados e informações gerais sobre os territórios do mundo, em geral, e dos países em particular, fez-se necessária a revisão das bases teóricas e metodológicas da ciência geográfica, com repercussões no ensino. As reformulações da ciência geográfica levaram, então, a alterações significativas no campo do ensino de Geografia.

Vlach (1991) afirma que os trabalhos de Geografia amarrados à descrição compartimentada da realidade sempre a partir da descrição da natureza, estabeleceram a seqüência quadro natural-população-economia como paradigma da Geografia Tradicional², atualmente sem nenhum sentido.

Afinal, já conhecendo a natureza, dominando-a e dominando a sociedade na escala de um espaço geográfico mundializado efetivamente pela primeira vez, qual o interesse que a formação social capitalista poderia ter em uma disciplina que nem sequer acompanhava os avanços tecnológicos da ciência como um todo? Uma vez que já não se necessita de um Estado-nação geograficamente delimitado, a ideologia do nacionalismo patriótico também já não é imprescindível... Por conseguinte, questiona-se a razão de ser da Geografia na instituição escola... e não foram poucas as tentativas de eliminá-la da grade curricular [...] (VLACH, 1991, p.178)

² Essa Geografia se caracteriza pela estruturação mecânica dos fatos, fenômenos e acontecimentos divididos em aspectos físicos, aspectos humanos e aspectos econômicos, de modo a fornecer ao aluno uma descrição das áreas estudadas, seja de um país, região ou continente (CAVALCANTI, 1998).

Estas colocações ocorrem no “contexto político-econômico do capitalismo financeiro, sem dúvida associado ao Estado caracterizado como Estado-cientista. E o Brasil, como se sabe, está preso à teia desse Estado em considerável expansão nos países que exercem a hegemonia na formação social capitalista” (VLACH, 1991).

Ainda de acordo com Vlach (1991), paralelamente a isso, e em meio à crise da educação que assola a sociedade brasileira, desde fins dos anos de 1960 e às insuficiências teórico-metodológicas da Geografia Tradicional, teve início um processo de questionamento no interior da Geografia. O resultado mais importante desse processo contínuo foi a emergência de propostas para a construção de uma outra Geografia. Assim, a partir de 1970 teve início um movimento de contestação à Geografia Tradicional que na escola grande número de seus profissionais fazia-se valer, em sala de aula, da autoridade inquestionada dos livros didáticos tradicionais, que de objeto de conhecimento, tornaram-se sujeitos na sala de aula.

Segundo Cavalcanti (1998), o movimento do ensino de Geografia, dentro do movimento mais amplo de renovação, teve, pois, como interlocutoras a Geografia Tradicional e a Quantitativa. Fazendo a crítica destas correntes da Geografia e de suas implicações no ensino, surgiram propostas de incorporar as reflexões da concepção dialética no ensino, o que possibilitou a emergência da Geografia Crítica.

Geografia Crítica [...] é a denominação que se tem dado ao movimento de contestação da Geografia Tradicional e, por extensão, às várias tentativas de construção de uma ciência comprometida com o político em sentido amplo e com as questões mais prementes da civilização contemporânea. (VLACH, 1991. p. 180)

As propostas de reformulação do ensino de Geografia convergem na crítica sistemática ao ensino de conteúdos estruturados conforme uma corrente da Geografia Tradicional e têm em comum o fato de explicitarem as possibilidades da Geografia e da prática de ensino cumprirem papéis politicamente voltados aos interesses das classes populares (CAVALCANTI, 1998). Nessa perspectiva há a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico, pois o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições.

No entanto, é possível afirmar que ainda está presente a visão tradicional de Geografia nas mentes dos alunos, dos professores e na escola brasileira. Cavalcanti

(1998) destaca que os efeitos na prática de ensino dos professores de Geografia, se comparados com questionamentos, análises e propostas “renovadas” feitos em nível teórico são modestos e a reflexão dessa prática a partir de uma referência pedagógico-didática é incipiente.

[...] a pouca difusão dessas propostas entre os professores de ensino fundamental e médio. Isso se explica, em parte, pelas condições precárias do trabalho nas escolas que dificultam o investimento dos professores em seu crescimento intelectual, além da fragilidade dos programas de capacitação de docentes em serviço e, em parte, por deficiências institucionais de divulgação das análises e propostas produzidas, na maioria no ambiente restrito das universidades. Quanto aos aspectos pedagógico-didáticos das propostas de ensino de Geografia, persiste a crença, explícita ou não, de que para ensinar bem basta o conhecimento do conteúdo da matéria enfocado criticamente. (CAVALCANTI, 1998, p.21)

Para haver Geografia Crítica (ou uma Geografia renovada) é necessário, segundo Kaercher (2002), que se altere a relação professor-aluno, relação esta que continua, muitas vezes, fria, distante e burocrática. Além disso, é preciso haver uma postura renovada de maior diálogo, não só entre professor e aluno, mas com o próprio conhecimento.

O ensino de Geografia vem mudando sensivelmente, embora ainda longe de atingir a maior parte do professorado. Para Kaercher (2002) este ensino continua desacreditado, os alunos, no geral, não têm mais paciência para ouvir os professores. É preciso fazer com o aluno perceba qual a importância do espaço, na constituição de sua individualidade e da sociedade de que ele faz parte. Nessa perspectiva, há a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico.

De acordo com os PCNs (1998b), abordagens atuais da Geografia têm buscado práticas pedagógicas que permitam colocar aos alunos as diferentes situações de vivência com os lugares, de modo que possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito. É fundamental que a vivência do aluno seja valorizada e que ele possa perceber que a Geografia faz parte do seu cotidiano, trazendo para o interior da sala de aula, com a ajuda do professor, a sua experiência. “O espaço vivido pelos alunos deve continuar sendo o ponto de partida dos estudos ao longo das séries finais do ensino fundamental e que esse estudo permita compreender como o local, o regional e global relacionam-se nesse espaço” (PCN, 1998b).

1.1- O ensino-aprendizagem de Geografia

A relação entre uma ciência e a matéria de ensino é complexa; ambas formam uma unidade, mas não são idênticas. A ciência geográfica constitui-se de teorias, conceitos e métodos referentes à problemática de seu objeto de investigação. A matéria de ensino Geografia corresponde ao conjunto de saberes dessa ciência, e de outras que não têm lugar no ensino fundamental e médio [...]. É preciso que se considere [...] a relação entre essa ciência e sua organização para o ensino, incluindo aí a aprendizagem dos alunos conforme suas características físicas, afetivas, intelectuais, socioculturais. (CAVALCANTI, 1998, p.9)

Por muito tempo a pedagogia valorizou o que deveria ser ensinado, supondo que, como decorrência, estaria valorizando o conhecimento. O ensino, então, ganhou autonomia em relação à aprendizagem, criou seus próprios métodos e o processo de aprendizagem ficou relegado a segundo plano. De acordo com os PCNs (1998a) os fracassos escolares decorrentes da aprendizagem indicam que é necessário dar novo significado à unidade entre aprendizagem e ensino, um vez que, em última instância, sem aprendizagem não há ensino.

No entanto, de acordo com Corrêa (2001), as políticas educacionais desta década, especialmente aquelas originadas no poder público, têm deslocado a ênfase no ensino para o processo de aprendizagem, ao introduzir várias inovações no que se refere à educação básica, desde a inclusão da educação infantil entre as etapas de ensino até as novas propostas de organização e de flexibilidade nas ações escolares, especialmente no que se refere à verificação do rendimento escolar, deixando claro o pensamento do legislador no sentido de que o país abandone a cultura da reprovação e instale nas suas escolas a cultura da aprendizagem centrada no ritmo próprio de cada aluno.

A educação que vise à aprendizagem do aluno impõe-se como condição indispensável para a conquista das metas propostas pelas leis e pelo anseio da sociedade.

O construtivismo é, hoje, amplamente reconhecido como a visão mais fértil sobre a aquisição de conhecimento dentre as inovações na área educacional, por trazer um entendimento original do modo como aprendemos (CORRÊA, 2001). Segundo esta autora, o termo construtivismo comporta muitas teorias, dentre elas a de Piaget, visto que a Epistemologia e a Psicologia Genéticas de Jean Piaget propõem uma resposta para a origem e o desenvolvimento do conhecimento. A Teoria da Equilibração das

Estruturas Cognitivas de Piaget permite entender o problema da aprendizagem de uma maneira inteiramente nova, pois na perspectiva piagetiana, o mundo torna-se compreensível somente à medida que a nossa inteligência cria os instrumentos para interpretá-lo, para dar sentido ao que vivemos, ao que sentimos e ao que experimentamos.

Na concepção construtivista, segundo Solé e Coll (2004), assume-se que na escola os alunos aprendem e se desenvolvem na medida em que podem construir significados adequados em torno de conteúdos que configuram o currículo escolar. Essa construção inclui a contribuição ativa e global do aluno, sua disponibilidade e conhecimentos prévios no âmbito de uma situação interativa, na qual o professor age como guia e mediador entre o aluno e a cultura, e dessa mediação depende em grande parte o aprendizado realizado.

Assim, de acordo com Corrêa (2001), para que haja aprendizagem, o conhecimento anterior (ou prévio) é condição necessária para os progressos posteriores, na medida em que cada nível de conhecimento prepara e condiciona os progressos futuros. Por isso mesmo, o que o professor ensina não coincide totalmente com o que o aluno aprende. Ambos têm diferentes interpretações do conteúdo, além dos objetivos, intenções e motivações diferentes.

Em suma, de acordo com afirmações de Onrubia (2004), na concepção construtivista a aprendizagem escolar é um processo ativo do ponto de vista do aluno, no qual ele constrói, modifica, enriquece e diversifica seus esquemas de conhecimento a respeito de diferentes conteúdos escolares a partir do significado e do sentido que pode atribuir a esses conteúdos e ao próprio fato de aprendê-los. Devido à peculiar natureza social e cultural dos saberes que os alunos devem aprender esse processo ativo não pode, na escola, ser confiado ao acaso nem separar-se de uma atuação externa, planejada e sistemática, que o oriente e guie na direção prevista pelas intenções educativas presentes no currículo.

E segundo Onrubia (2004) essa atuação externa, isto é, o ensino, deve ser entendido na concepção construtivista, como uma ajuda ao processo de aprendizagem. Sem esta ajuda é improvável que os alunos cheguem a aprender, e a aprender da maneira mais significativa possível, os conhecimentos necessários ao seu desenvolvimento pessoal e à sua capacidade de compreensão da realidade e de atuação

nela, que a escola tem a responsabilidade social de transmitir. “Mas apenas ajuda, porque o ensino não pode substituir a atividade mental construtiva do aluno nem ocupar o seu lugar” (Coll, 1990. In: Onrubia, 2004).

As reflexões a respeito do ensino-aprendizagem também podem ser realizadas a partir da sua definição elaborada por Oliveira (2002) e que traz posições que devem ser aceitas para o ensino-aprendizagem de Geografia. O ensino-aprendizagem é um processo, implica movimento, atividade, dinamismo, é um ir e um vir continuamente. Ensina-se aprendendo e aprende-se ensinando.

Sob a perspectiva dessa autora, a aprendizagem pode ser situada como experiência adquirida, em razão do meio físico e social. “Ou melhor, aprendizagem é tudo que no processo do desenvolvimento mental, não é determinado hereditariamente, ou seja, pela maturação, considerando toda a aquisição obtida ao longo do tempo, isto é, mediata e não imediata, como a percepção ou a compreensão instantânea” (OLIVEIRA, 2002). A aprendizagem não será produzida pela simples acumulação passiva, mas mediante a atividade exercida sobre os conteúdos, articulando-se uns com os outros.

Já ensinar, ainda de acordo com Oliveira (2002), é provocar situações, desencadear processos e utilizar mecanismos intelectuais requeridos pela aprendizagem, que permitirá aos professores empregarem métodos ativos, para engendrar a ação didática em bases sólidas, evitando tentativas ou ensaios e práticas infrutíferas, demasiadamente perigosas, sobretudo quando as ações são exercidas sobre crianças e adolescentes.

Na concepção de Cavalcanti (1998), o ensino é um processo de conhecimento pelo aluno, mediado pelo professor e pela matéria de ensino, no qual devem estar articulados seus componentes fundamentais: objetivos, conteúdos e métodos de ensino.

Na perspectiva de Kuethe (1977) o processo de ensino-aprendizagem varia ao longo de outras dimensões além do grau de estruturação e do grau de controle do professor. Outras variáveis são o grau de percepção, por parte do estudante, daquilo que deve aprender, o grau de mensuração (o quanto o aluno consegue aprender) e o grau de *feedback* (a capacidade que o aluno tem de retornar ao que já aprendeu anteriormente e relacioná-lo ao novo conhecimento), todas as três variáveis intimamente relacionadas entre si.

Kuethe (1977) afirma, ainda, que na maioria das atividades relacionadas com a escola, o estudante sabe que sua tarefa é aprender alguma coisa. Dessa maneira, a educação formal difere do resto da experiência vital de um indivíduo. É comum ouvir os protestos de um estudante: “Por que devo aprender isto? Que proveito tirarei daí?” Ele sabe que sua tarefa é aprender e que receberá notas de acordo com o que tiver aprendido.

Segundo Kuethe (1977) toda educação se baseia numa suposição muito importante – que aquilo que se aprende na sala de aula pode ser empregado em outras situações, ou, em outras palavras, que as modificações de conduta adquiridas na sala de aula não se limitam a ela. Para este autor, a meta definitiva da instituição escolar é prover o indivíduo de um conjunto de habilidades e de certos conhecimentos que lhe permitirão atuar com êxito na sociedade fora da sala de aula. Por isso as diferentes disciplinas escolares devem incorporar as vivências culturais, os desejos, interesses e singularidades dos sujeitos envolvidos (SILVA, 1998). No caso da Geografia não dá para desconsiderar a dimensão espacial das práticas sociais construídas no exercício cotidiano.

Callai (2001) afirma que a Geografia é uma ciência social e ao ser estudada tem de considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada da realidade, num amontoado de assuntos ou lugares onde os temas são soltos sempre defasados ou de difícil compreensão pelos alunos. Ela não pode ser feita apenas de descrições de lugares distantes ou de fragmentos do espaço.

A geografia que o aluno estuda deve permitir que o aluno se perceba como participante do espaço que estuda, onde fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento [...] O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço, como é a geografia que ainda é muito ensinada na escola: uma geografia que trata o homem como um fato a mais na paisagem, e não como um ser social e histórico. (CALLAI, 2001, p.58)

Se o aluno for visto como um ser neutro, sem vida, sem cultura, sem história, um ser que não trabalha e nem produz riqueza, entidade alheia ao momento histórico e aos espaços geográficos determinados, “a verdade geográfica do indivíduo (aluno) se perde, e a geografia torna-se alheia a ele” (RESENDE, 1989). Isso implica em uma qualidade de ensino que deixa muito a desejar. Alunos e professores têm sido uma espécie de

vítimas desse processo. A Geografia que se ensina e se aprende não os motiva mais e se distancia das suas reais necessidades.

Como foi atestado por Cavalcanti (1998) numa de suas pesquisas, ocorrem problemas no ensino-aprendizagem. Segundo a autora, os alunos não conseguem formar um raciocínio geográfico necessário à sua participação ativa na sociedade, eles não conseguem formar relações entre os conteúdos que são ministrados nas aulas de Geografia e as determinações espaciais que permeiam, direta ou indiretamente, sua prática social diária. Por não entenderem a importância dos conteúdos de Geografia para suas vidas – assim como também os das outras disciplinas, já que não podemos considerar este como um problema somente da Geografia –, os alunos se comportam formalmente na sala de aula, ou seja, cumprem deveres de alunos – quando o fazem e se o fazem – para que possam conseguir aprovação da escola, sem se envolverem com os conteúdos estudados.

Na verdade o que se tem observado no cotidiano escolar e que se tornou alvo de queixa entre os professores, principalmente das escolas públicas, é a falta de interesse dos alunos pelos estudos – incluindo aqui a Geografia – o que implica também em indisciplina na sala de aula e recusa em realizar atividades e trabalhos propostos, mesmo sendo de caráter avaliativo.

A partir dessas constatações e de nossa vivência, algumas indagações nos inquietam: Como os alunos da escola em que trabalhamos vêem a Geografia? O que acham da Geografia que ensinamos? Há na realidade desinteresse dos alunos tanto pela Geografia quanto pelas demais disciplinas escolares?...

Uma das maneiras de entender como está o ensino de Geografia na escola em que trabalhamos, e de certo modo como está o ensino de Geografia no geral, é ouvindo o aluno. Diante disto, fizemos uma pesquisa, ouvindo cento e cinquenta e três alunos das séries finais do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries). O objetivo central da pesquisa é entender as impressões³ dos alunos em relação ao ensino de Geografia na Escola Estadual Professor Samuel João de Deus, situada no município de Paula Cândido (MG).

³ 1. Impressão: sensação dos sentidos; ânimo emocional; a imagem que se tem de alguma coisa. Deve ser complementar da expressão e da interpretação (DORCH *et al*, 2001). 2. Refere-se aos dados fornecidos pelos sentidos, penetram com maior força e evidência na consciência. (OLIVEIRA, 2006. In: www.filosofiavirtual.pro.br/hume.htm).

2- METODOLOGIA

Partindo-se do pressuposto de que toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, foram realizadas, inicialmente, a pesquisa documental e bibliográfica. A primeira refere-se à consulta aos documentos da Escola Estadual Professor Samuel João de Deus, como o Regimento Escolar e os diários de classe, quando foram coletadas informações sobre a escola e número de alunos matriculados nas séries finais do Ensino Fundamental.

Através da pesquisa bibliográfica buscou-se levantar a bibliografia publicada a respeito do presente tema com a finalidade de contextualizá-lo, contrapondo e discutindo trabalhos já realizados.

Posteriormente, foi elaborado um questionário (ver ANEXO) com uma série de perguntas que visavam:

- perceber a relação existente entre os alunos e o ensino de Geografia, principalmente no que se refere ao grau de aceitação desta matéria na escola e a sua “utilidade” no dia-a-dia destes alunos.
- verificar o interesse desses alunos pela escola, de um modo geral, e pela disciplina de Geografia.
- diagnosticar aspectos da vida do aluno fora do ambiente escolar, levando em consideração dados sobre a família o que permite ter uma noção da realidade em vivem estes alunos.

Após a elaboração do questionário o procedimento utilizado para averiguar a sua validade foi o pré-teste. De acordo com Marconi e Lakatos (1986), o pré-teste consiste em testar o questionário sobre uma pequena parte da população da amostra, antes de ser aplicado definitivamente, sua aplicação poderá evidenciar possíveis erros nos questionários (perguntas mal formuladas, ambíguas, linguagem inacessível) possibilitando a reformulação da falha no questionário definitivo. As autoras ressaltam, ainda, que o pré-teste deve ser aplicado em populações com característica semelhantes, mas nunca naquela que será alvo de estudo. Desta forma, em casos em que a amostra é aleatória simples, não se corre o risco de um mesmo aluno ser selecionado para o pré-teste e para a aplicação do questionário propriamente dita.

Assim, já que nesse trabalho os questionários foram aplicados junto aos alunos das séries finais do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Samuel João de Deus no município de Paula Cândido, o pré-teste foi aplicado em alunos das mesmas séries, porém na Escola Estadual Alice Loureiro no município de Viçosa.

Considerando que a pesquisa tinha um universo de 554 alunos, foi preciso determinar uma amostra a ser pesquisada. Foi definido então que a amostra corresponderia a 153 alunos matriculados nas séries finais do Ensino Fundamental. Sendo que em cada turma pelo menos 30% dos alunos responderiam ao questionário.

A seleção dos alunos a serem questionados ocorreu por determinação de uma amostra aleatória simples (tanto no pré-teste, quanto na aplicação dos questionários junto aos alunos que foram o objeto de estudo deste trabalho). De acordo com Marconi e Lakatos (1986, p. 38) “a escolha de um indivíduo entre uma população, é ao acaso (aleatória), quando cada membro da população tem a mesma probabilidade de ser escolhido”. Se fosse pedido ao professor que escolhesse os alunos que iriam responder o questionário seria praticamente certo que ele daria preferência aos alunos mais inteligentes e cooperativos. Por esse motivo, visto que todos os alunos possuem número de chamada, a seleção seguiu esses números, aleatoriamente. A aplicação dos questionários aconteceu em uma turma de cada vez, visto que havia cinco 5ª séries, cinco 6ª séries, quatro 7ª séries e quatro 8ª séries.

Finalmente, realizou-se a tabulação e apresentação das respostas dos alunos, através de quadros. Em seguida, as respostas foram analisadas propiciando a comparação entre as respostas dos alunos e discussão das mesmas a luz da revisão bibliográfica. A comparação entre as respostas foi extremamente relevante, pois foram considerados alunos com diferentes realidades vividas.

O próximo capítulo apresenta os dados coletados e algumas reflexões e discussões realizadas a partir do que os alunos escreveram e sobre as suas principais impressões em relação ao ensino de Geografia nesta escola.

3- A GEOGRAFIA SERVE PARA CONHECER MELHOR O MUNDO...: impressões dos alunos pesquisados.

3.1 - Algumas palavras sobre a Escola Estadual Professor Samuel João de Deus.

Em 1953 foi criado o Grupo Escolar Professor Samuel João de Deus e em 12 de março de 1976 foi autorizada a extensão de funcionamento das séries finais do ensino fundamental (antigas 5ª a 8ª séries), passando a ter a denominação Escola Estadual Professor Samuel João de Deus, em homenagem a um estimado professor que dedicou boa parte de sua vida ao ensino no município. Em 1985 foram implantados o ensino de 2º Grau – atual Ensino Médio – e o curso de Magistério, há alguns anos extinto nesta escola.

A Escola Estadual Professor Samuel João de Deus está situada na Rua Djalma Vitor dos Santos em Paula Cândido (MG).

Em 2005 ela possuía um número total de 1085 alunos divididos em 35 turmas. Desses, 554 cursavam as séries finais do Ensino Fundamental. O corpo docente era formado por 46 professores e 29 servidores técnicos-administrativos. Quanto à infraestrutura, a escola possui uma biblioteca (com grande diversidade de livros de literatura brasileira, enciclopédias, almanaques, revistas), quadra de esportes, área de recreação, cantina, sala de professores, de diretor, de supervisor e secretaria. Conta com 13 salas de aula que, como na maior parte das escolas públicas, deixam a desejar no que diz respeito ao espaço físico, iluminação e quadro-negro. A escola possui uma sala de computadores que não são utilizados, pois, segundo informações dos funcionários, já estão ultrapassados e estragados. Quanto aos recursos didáticos, ela possui: mapas, atlas geográficos, globos, televisão, aparelho de DVD, retroprojektor e livros didáticos para todos os alunos do Ensino Fundamental.

No que se refere à disciplina de Geografia, a carga horária do Ensino Fundamental é de três aulas semanais e a escola contava com três professoras efetivas de Geografia nesse nível de ensino formadas em Estudos Sociais com Licenciatura Plena em Geografia. Os livros didáticos adotados são: “Geografia- O Espaço Geográfico e fenômenos naturais” (5ª série); “Geografia- A formação do espaço geográfico: As regiões do Brasil” (6ª série); “Geografia- O espaço geográfico da

América, Oceania e regiões polares” (7ª série); “Geografia- O espaço geográfico da Europa, Ásia e África” (8ª série), sendo os quatro livros dos autores Hélio Carlos Garcia e Tito Márcio Garavello. Uma breve análise deste material permite concluir que ele ainda segue os “moldes” tradicionais da Geografia, apresentando os conteúdos de forma compartimentada: aspectos naturais, populacionais, econômicos. A estruturação dos capítulos dos livros é caracterizada pela descrição dos continentes, regiões ou países.

3.2- O público pesquisado

A maioria dos alunos está dentro da faixa etária recomendada para as séries, considerando que as faixas etárias convencionais para cada série são: 5ª série – 11 a 12 anos; 6ª série – 12 a 13 anos; 7ª série – 13 a 14 anos; 8ª série – 14 a 15 anos. Isso pode ser verificado no quadro 1.

Quadro 1: Porcentagem de alunos segundo as faixas etárias de cada série – E. E. Professor Samuel João de Deus, Paula Cândido (MG); 2005

	5ª série	6ª série	7ª série	8ª série
11 anos	38,89%	-	-	-
12 anos	33,33%	27,66%	-	-
13 anos	16,67%	46,80%	25%	-
14 anos	00	12,77%	50%	29,41%
15 anos	2,78%	6,38%	13,89%	35,30%
16anos ou mais	2,78%	2,13%	11,11%	29,41%
Não respondeu	5,55%	4,26%	00	5,88%

Constata-se que nas 7ª séries e 8ª séries a porcentagem de alunos com idade acima das faixas etárias convencionais para estas séries é maior que nas demais séries, fato que pode ser explicado pela “volta à escola” de alunos que abandonaram, ou por algum motivo, ficaram impossibilitados de frequentar estas séries em idades convencionais.

Uma outra explicação, talvez a principal, que pode ser apontada para a existência de alunos fora da faixa etária prevista para cada série é a reprovação. Durante

a pesquisa pôde ser observado que em algumas turmas havia apenas alunos com idade acima das faixas etárias previstas para aquela série, alunos estes que, segundo os professores, apresentavam grande dificuldade de aprendizagem durante toda a vida escolar.

A maioria desses alunos mora na zona urbana do município. Outra característica importante é o número de alunos da zona rural. É importante ressaltar que, segundo dados fornecidos pela Prefeitura Municipal, 53% da população do município vivem na zona rural e os alunos são transportados pelo município até a cidade, conforme pode ser visto no quadro 2.

Quadro 2: Porcentagem de alunos que moram na zona urbana e zona rural do município segundo cada série – E. E. Professor Samuel João de Deus, Paula Cândido (MG); 2005.

	5ª série	6ª série	7ª série	8ª série
Zona Urbana	69,44%	65,98%	63,89%	73,52%
Zona Rural	27,78%	27,65%	33,33%	26,48%
Não respondeu	2,78%	6,37%	2,78%	00

Verifica-se que esses alunos possuem diferentes realidades vividas, o que pode refletir nas suas reflexões, impressões sobre a escola como um todo e sobre o ensino de Geografia, pois ao chegar à escola os alunos trazem consigo valores e até mesmo objetivos (com relação à escola) diferentes que variam segundo a realidade em que vivem. Desta forma as impressões e o interesse dos alunos pela escola podem diferir-se de acordo com o lugar onde moram.

A maioria dos alunos não trabalha com atividades remuneradas, conforme pode ser observado no quadro 3. Porém a análise destes dados, de acordo com cada série, permite concluir que nas 7ª e 8ª séries a porcentagem de alunos que trabalham é bem significativa, superando a porcentagem de alunos trabalhadores das demais séries. Isso pode ser justificado pelo fato dessa escola também oferecer estas séries no período noturno, facilitando ao aluno conciliar trabalho e estudos dando oportunidade aos alunos que abandonaram os estudos, em algum momento, de retomá-los.

Relacionando esses dados com o quadro 1, percebe-se que é justamente nas 7ª e 8ª séries que é encontrada uma porcentagem maior de alunos com idade superior à faixa

etária convencional para estas séries, o que permite afirmar que esses alunos contribuem com a renda familiar.

Quadro 3: Porcentagem de alunos trabalhadores segundo cada série – E. E. Professor Samuel João de Deus, Paula Cândido (MG); 2005.

	5ª série	6ª série	7ª série	8ª série
Sim	27,78%	23,40%	44,45%	47,06%
Não	69,44%	70,22%	52,78%	52,94%
Não respondeu	2,78%	6,38%	2,77%	00

As principais atividades exercidas pelos alunos trabalhadores são: empregada doméstica/babá e lavrador (33,97% e 22,65%, respectivamente). Esta última é exercida, principalmente, pelos alunos da zona rural. No entanto, muitos alunos da zona urbana também responderam que são lavradores, isto se deve ao fato da economia do município ser voltada para o setor primário. Assim, esses alunos moram e estudam na cidade e trabalham no campo.

Quanto às profissões dos pais e das mães⁴, são mais variadas que as dos alunos trabalhadores. Os pais possuem as seguintes profissões: trabalhadores rurais, carpinteiros, serralheiros, marceneiros, padeiros, costureiros, vidraceiros, seguranças, taxistas, mecânicos, eletricitas, técnico de áudio, pedreiros, comerciantes, bibliotecário, operador de máquinas, secretário de saúde, auxiliar administrativo, gari, policial, engenheiro florestal. Dois alunos declararam que os pais estão desempregados e cinco que os pais são aposentados.

As profissões mais comuns entre as mães são, em primeiro lugar, a de trabalhadoras de serviços domésticos, em seguida a de dona de casa, professoras, ajudantes de serviços gerais, enfermeira, auxiliar administrativa, diretora, supervisora escolar, manicura, costureira e a de comerciante. Três mães de alunos estão desempregadas e três são aposentadas.

Quanto ao grau de escolaridade de seus pais, a maioria dos pesquisados não soube responder. Pelas respostas obtidas a respeito das profissões, percebe-se que o

⁴ Os alunos demonstraram ter certa dificuldade em responder, pois 25,5 % não souberam a profissão do pai e 13,07% não souberam a da mãe.

grau de escolaridade dos pais é baixo (ensino fundamental incompleto), embora tenham pais com curso superior.

Outra característica importante dos alunos pesquisados está no que gostam de fazer nos momentos de lazer. A maioria (44, 58%) gosta de assistir televisão; já 34,33% preferem praticar esportes e 21,09% gostam de ler um livro e revistas.

Há então a predominância do *assistir televisão*, que pode explicar a influência da mídia junto aos alunos, que muitas vezes confundem o conhecimento adquirido na escola e as informações repassadas pelos programas de televisão, isso pode ser detectado inclusive nas aulas de Geografia. Muitas vezes, nós professores, fazemos referências a assuntos tratados pelos jornais e programas televisivos em nossas aulas na tentativa de ilustrar ou até mesmo comparar informações destes programas com os conteúdos ministrados em sala de aula. Ao fazer isto devemos agir, é claro, de forma crítica perante tais informações para que estas não se tornem mais importantes e significativas para o aluno que o conteúdo escolar que está sendo ministrado e, que passem a ser lidas de forma crítica, entendendo o que tem por trás de tais informações e o que está cientificamente certo.

No que se refere aos conteúdos de Geografia das séries finais do Ensino Fundamental, estas reportagens são utilizadas, na maioria das vezes, para ilustrar ou exemplificar assuntos abordados durante as aulas, já que nestas séries são estudados conteúdos muito distantes da realidade dos nossos alunos, como por exemplo, aqueles referentes aos aspectos físicos de todos os continentes. Sobre este ponto, Cunha (1989) constatou, em sua pesquisa, que nos procedimentos didáticos cotidianos, os professores procuram partir do concreto para o abstrato, da prática para a teoria, pois os alunos têm a necessidade de visualizar para aprenderem melhor. E, em se tratando de crianças e adolescentes de classes sociais mais baixas, como a maioria dos nossos alunos, devemos considerar que a prática cotidiana deles lhes dá um restrito horizonte geográfico – pouco conhecimento de lugares diferentes -, sendo assim, o mundo fora dessa prática cotidiana é geralmente mostrado apenas pela televisão, filmes e outras mídias.

Um aspecto levantado na pesquisa foi o fato de gostar de ir à escola. Neste item a maioria dos alunos afirmou que gosta de ir à escola, sendo que uma boa parte deles declarou que nem sempre está disposta a fazer isso, como pode ser visto no quadro 4. A maior porcentagem de alunos que gostam de ir à escola corresponde a dos alunos das

8ª séries (64,7%) e a maior porcentagem dos que não gostam corresponde aos das 6ª séries (6,38%).

Quadro 4: Porcentagem de alunos que gostam ou não de ir à escola de acordo com cada série – E. E. Professor Samuel João de Deus, Paula Cândido (MG); 2005.

	5ª série	6ª série	7ª série	8ª série
Sim	55,56%	44,69%	50%	64,70%
Não	5,55%	6,38%	2,78%	00
Às vezes	38,89%	48,93%	47,22%	35,30%

Pelo convívio que se tem com os alunos, pode-se afirmar que muitos deles vêm a escola como um ponto de encontro, um lugar para conhecer pessoas, fazer amizade, namorar e muitas vezes esquecem-se que um dos objetivos primordiais desta instituição é a construção do conhecimento, “promovendo a auto-reflexão o desenvolvimento de operações mentais necessárias à prática cotidiana consciente e crítica” (CAVALCANTI, 1998); e essa, para vários deles, é a hora mais “chata” da escola, o momento de ir para a sala de aula e realizar as atividades propostas e fazer a sua parte no processo de ensino-aprendizagem.

Este fato pôde ser comprovado quando, questionados sobre o “gostar ou não de estudar”, uma grande parte dos alunos também declarou que nem sempre está disposta a estudar, embora a maioria tenha declarado que gosta de estudar como pode ser observado no quadro a seguir.

Quadro 5: Porcentagem de alunos que gostam ou não de estudar, segundo cada série – E. E. Professor Samuel João de Deus, Paula Cândido (MG); 2005.

	5ª série	6ª série	7ª série	8ª série
Sim	52,78%	48,94%	27,78%	44,11%
Não	25,00%	10,63%	13,89%	5,88%
Às vezes	22,22%	40,43%	58,33%	50,00%

A maior porcentagem de alunos que declararam que gostam de estudar é a dos alunos das 5ª séries, porém a porcentagem de alunos que não gostam de estudar é maior

nesta série se comparada a das outras séries. Além disso, como pode ser observado no cotidiano escolar, os alunos de 5ª série geralmente apresentam certa resistência e dificuldade para se adaptar ao módulo de aula (50 minutos por disciplina), com um professor para cada disciplina e isso pode refletir no interesse do aluno pela escola e pelos conteúdos ministrados.

Obviamente estes não são problemas somente dos alunos de 5ª séries. Infelizmente o gosto, empenho e interesse pelos estudos não são mais características de todos os nossos alunos, pelo que se pôde observar durante a pesquisa e na nossa vivência escolar. Apesar de muitos deles terem declarado que gostam de ir à escola e de estudar, pode-se considerar bem relevante o número de alunos que afirmam o contrário.

3.3- A Geografia em quarto lugar na preferência dos alunos

A Geografia aparece em quarto lugar na preferência dos pesquisados, conforme demonstrado no quadro 6. As preferidas são Matemática (53,6%), Português (44,4%) e Inglês (44,4%). Porém, ao analisar cada série pode-se verificar que as respostas diferem-se em alguns casos. Nas 7ª séries, por exemplo, as disciplinas apontadas pelos alunos são Matemática, Ciências e Geografia.

Quadro 6: As três matérias/disciplinas que os alunos mais gostam – E. E. Professor Samuel João de Deus, Paula Cândido (MG); 2005 – (Valores Relativos, %)

	Mat.	Port.	Ciên.	Geo.	Hist.	Ed. Fis.	Em. Rel.	Ing.	Geom.	Artes	Liter.
5ªsérie	61,1	44,4	16,7	41,7	16,7	41,7	13,9	47,2	-	19,4	-
6ªsérie	44,7	57,4	38,3	25,5	53,2	2,1	12,8	38,3	-	-	14,9
7ªsérie	50,0	33,3	50,0	50,0	30,6	22,2	13,9	52,8	8,3	-	-
8ªsérie	61,7	38,2	23,5	38,2	26,5	26,5	11,7	50,0	-	-	26,5
Total%	53,6	44,4	32,7	37,9	33,3	21,6	13,07	44,4	1,96	4,57	10,48

Os motivos que levam os alunos pesquisados a gostarem mais de uma disciplina do que de outra variam muito: são mais fáceis (33,34%); são interessantes ou legais (18,96%); os professores são divertidos, entusiasmados, explicam bem a matéria (18,3%); as minhas notas são boas (4,58%); são importantes (2,61%); são informativas

(1,3%); serão úteis para a minha vida futura (2,61%); identifico-me com elas (3,27%); as demais são chatas (0,65%); porque gosto (3,92%).

Além dessas respostas alguns alunos (7,19%) escreveram sobre a importância dos conteúdos de cada uma delas e como eles aplicam/aplicariam os seus conhecimentos no seu cotidiano. Por outro lado, 4,57% dos alunos afirmaram não saber por que gostam das matérias que elegeram.

Percebe-se que as principais razões para que o aluno goste de uma disciplina são: a facilidade que ele tem em assimilar o conteúdo ministrado e a maneira como este conteúdo é trabalhado pelo professor, em outras palavras a metodologia. Sobre este último ponto, Cunha (1989) ressalta, em uma de suas pesquisas, que parece consequência natural, para o professor que tem uma boa relação com os seus alunos, preocupar-se com os métodos de ensino e procurar formas dialógicas de interação.

É preciso que nós professores façamos com que o conteúdo a ser trabalhado fique interessante, procurando utilizar métodos que facilitem a aprendizagem e que aproximem o conteúdo da realidade vivida pelo aluno. Devemos então, de acordo com Cavalcanti (1998), considerar a vivência dos alunos como dimensão do conhecimento, pois levar em conta o mundo vivido dos alunos implica apreender seus conhecimentos prévios e sua experiência em relação ao assunto estudado enfatizando-os como sujeitos ativos no conhecimento. Desta forma, faremos que eles percebam que o que aprendem na escola está presente no seu cotidiano. Isto poderá fazer com que aqueles alunos que não gostam, que não estão interessados em estudar mudem de atitude e passem a ver a escola não só como um local de brincadeiras e ponto de encontro ou momento de descontração, mas também passem a enxergar o objetivo maior da escola, que é a construção e a sistematização do conhecimento.

Como pode ser observado no quadro 7, as disciplinas que os alunos têm as maiores notas são, respectivamente, Inglês, Ciências e Matemática. A comparação destes dados com os do quadro anterior possibilita afirmar que, geralmente, quando há simpatia do aluno pela disciplina, como acontece com as de Matemática e Inglês – duas das disciplinas apontadas como as que os alunos mais gostam – a tendência é que o aluno obtenha notas boas. A disciplina de Geografia não foi apontada entre as três preferidas pelos alunos e nem entre as três que eles têm as melhores notas.

Quadro 7: As disciplinas que os alunos têm as melhores notas – E. E. Professor Samuel João de Deus, Paula Cândido (MG); 2005 – (Valores Relativos, %)

	Mat.	Port.	Ciên.	Geo.	Hist.	Ed. Fis.	En. Rel.	Ing.	Geo m.	Artes	Liter .
5ª série	38,9	19,4	58,3	33,3	33,3	13,9	2,8	63,9	-	2,8	-
6ª série	46,8	59,6	36,2	29,8	31,9	2,1	4,2	55,3	-	-	14,9
7ª série	38,9	44,4	50,0	41,6	27,8	00	00	72,3	8,3	-	-
8ª série	50,0	8,8	38,2	38,2	50,0	2,9	8,8	50,0	-	-	50,0
Total	43,8	35,3	45,1	35,3	35,3	4,57	3,9	59,5	1,9	0,65	15,7

Dos alunos pesquisados, 52, 94% gostam de Geografia, enquanto 11,11% afirmaram ser essa disciplina que eles mais gostam e 9,15% são indiferentes a Geografia. É considerável a porcentagem de alunos (26,8%) que afirmaram não gostar de Geografia, como pode ser observado no quadro a seguir. Nas 5ª e 6ª séries este número é bem representativo, 36,12% e 34,04%, respectivamente. Nota-se que é nas 7ª séries que a Geografia tem uma maior aceitação, 75% afirmaram que gostam de Geografia.

Quadro 8: Relação existente entre os alunos e a disciplina de Geografia – E. E. Professor Samuel João de Deus, Paula Cândido (MG); 2005.

	Mais gosta	Gosta	Indiferente	Não gosta
5ª série	16,67%	41,66%	5,55%	36,12%
6ª série	14,90%	40,43%	10,63%	34,04%
7ª série	2,78%	75,00%	8,33%	13,89%
8ª série	8,83%	58,83%	11,76%	20,58%
Total (%)	11,11	52,94	9,15	26,80

A maioria dos alunos que gostam de Geografia justificou sua resposta afirmando que: “a matéria e a professora são boas”, “porque gosto dos estudos dela”, “por me ensinar sobre o mundo”, “porque essa matéria nos ensina coisas interessantes”, “porque todos nós precisamos da Geografia para nos orientar”, “porque acho legal estudar os mapas”, “porque eu gosto da professora”, “porque é fácil e não te cobra muito”, “porque

além de gostar de Geografia ela está sempre perto de nós em qualquer lugar que você esteja na maioria das vezes”, “é interessante e que ensina várias coisas”, “porque a matéria de geografia é boa pra quem gosta de saber sobre o mundo”, “porque é interessante saber sobre a criação dos rios, vulcões, atmosfera, solos, temperatura e descobertas dos países”, “porque é a matéria que mais aprendo” e “tenho notas boas”.

Aqueles que apenas simpatizam, justificaram dizendo que: “tem vez que tiro nota baixa e tem vez que tiro notas altas”, “porque eu gosto mais ou menos” “porque apesar de ter dificuldade tenho uma boa professora”, “porque é chata”.

A maioria dos alunos que afirmaram que não gostam de Geografia apresentou as seguintes justificativas: “a matéria é chata”, “tenho dificuldades para aprender”, “porque não gosto da aula”, “porque não sei me concentrar no assunto tratado”, “não consigo entender nada de Geografia”.

De um modo geral, as razões que os alunos apontam tanto para “gostar”, “gostar mais ou menos” e quanto para “não gostar” de Geografia têm a ver, muitas vezes, com o professor ou com a sua aula e com o conteúdo.

Verifica-se então que permanece na escola a visão da Geografia como uma ciência de síntese, que serve para “conhecer o mundo”. É possível afirmar que ainda está presente na mente dos alunos e na escola a visão tradicional de Geografia, caracterizada pela descrição dos fatos, fenômenos e acontecimentos, divididos em aspectos físicos, humanos e econômicos, de modo a fornecer aos alunos uma descrição dos países, regiões ou continentes.

Observando-se o quadro 8, pode-se constatar que a porcentagem de alunos que gostam de Geografia é superior a dos alunos que não gostam e contando que a Geografia é a quarta disciplina na preferência dos alunos tem-se um bom espaço para ganhar o interesse do aluno pela matéria. No entanto, é preciso considerar o grau de insatisfação com a matéria por parte dos alunos da Escola Estadual Professor Samuel João de Deus. Como já foi apontado por várias pesquisas e trabalhos realizados neste âmbito de estudo, essa insatisfação atinge também alguns professores. Segundo Cavalcanti (1998), diante desse quadro, é importante procurar entender as razões da insatisfação, para além daquelas que se referem ao ensino como um todo, como as questões de estrutura e organização da escola, das condições de trabalho, de formação profissional, entre outras.

3.4- A importância da Geografia no cotidiano: com a palavra os alunos.

Tendo como objeto de estudo as falas dos alunos, é importante analisar em que medida essa insatisfação dos alunos tem a ver com a Geografia de modo específico e o que se pode fazer para alterar esse quadro. Nesta perspectiva, os alunos foram questionados sobre a relação entre o que eles aprendem nas aulas de Geografia e o seu dia-a-dia, assim como a utilidade da Geografia e a importância desta matéria para a sua vida, como pode ser visualizado nos quadros 9 e 10.

Neste caso, a maioria dos alunos afirmou haver alguma relação entre o que aprende nas aulas de Geografia e o seu dia-a-dia, porém a maior parte deles apresentou dificuldades em expressar o tipo de relação existente afirmando não saber que relação é esta. O maior número de alunos que afirmaram não haver relação alguma se encontra nas 6ª séries (27,66% dos alunos pesquisados nesta série), como pode ser observado no quadro a seguir.

Quadro 9: Existência de relação entre o que o aluno aprende nas aulas de Geografia e o seu dia-a-dia – E. E. Professor Samuel João de Deus, Paula Cândido (MG); 2005.

	5ª série	6ª série	7ª série	8ª série
Sim	80,55%	57,45%	66,67%	79,41%
Não	11,12%	27,66%	13,88%	14,70%
Às vezes	8,33%	12,76%	19,45%	5,89%

Obs: um aluno não respondeu a esta questão.

Visando identificar as relações entre o ensino de Geografia e o de outras disciplinas, verificou-se a utilidade de outras disciplinas no dia-a-dia desses alunos. Percebe-se que o entendimento da importância dos conteúdos no cotidiano pelos alunos é semelhante para todas as disciplinas, conforme mostra o quadro 10.

Quadro10: Existência de alguma relação entre o que o aluno aprende em Português, História e Matemática com o seu dia-a-dia.

	Português		História		Matemática		Às vezes %	nr*
	Sim %	Não %	Sim %	Não %	Sim %	Não %		
5ª série	80,55	11,12	77,77	13,89	77,77	13,89	5,56	2,78%
6ª série	78,72	14,90	78,72	14,90	78,72	14,90	2,12	4,25%
7ª série	86,12	13,89	83,33	16,67	83,33	19,45	00	00
8ª série	91,17	2,94	85,30	5,88	91,17	2,94	00	5,88
Total	83,66%	11,11%	79,74%	15,03%	82,35%	12,42%	1,96%	3,27%

* % de alunos que não responderam.

Comparando-se os quadros 9 e 10, verifica-se que a porcentagem de alunos que conseguem estabelecer relações entre Português, História e Matemática com o seu dia-a-dia, é relativamente maior que os que conseguem fazer o mesmo em relação à Geografia, exceto os alunos das 5ª séries (nestas, as porcentagens são bem semelhantes). Alguns deles deram exemplos de como aplicam os conhecimentos de Português, História e Matemática no seu dia-a-dia: “serve para escrever cartas”, “para fazer contas e voltar troco na loja em que trabalho” etc.

O entendimento que os alunos têm da relação da disciplina com seu dia-a-dia reflete na noção deles sobre a serventia da Geografia. Para a maioria dos pesquisados a Geografia serve para: “para aprender sobre o clima e o tempo”, “para aprender a olhar a paisagem”, “para que a gente possa ser alguém na vida”, “para me orientar (leste, oeste, norte e sul)”, “para entender o mundo”, “para saber sobre mapas e montanhas”, “estudar o espaço geográfico”, “estudar o meio ambiente e o mundo em nossa volta”, “para aprendermos sobre nossa população”, “para ajudar a entender melhor o que é falado nos jornais sobre clima, relevo”, “nós conhecemos mais sobre onde moramos e sobre outros lugares do mundo”, “para informar sobre as atualidades do mundo globalizado”.

Merece destaque a perspectiva de alguns dos alunos, a Geografia serve para: “saber coisas sobre o mundo e o nosso dia-a-dia”, “quando for comprar um terreno precisarei da Geografia”, “quando eu crescer quero ir para a praia por isso tenho que saber muitas coisas sobre a região”, “para conseguir um emprego”, “posso ser uma

professora de Geografia”, “gostando ou não ela faz parte do nosso dia-a-dia, no nosso convívio em casa, na escola, na rua, no trabalho”, “com ela aprendemos as questões sociais, a relação do homem com o espaço”, “sem a Geografia se eu tivesse que viajar, por exemplo, para os Estados Unidos, eu não saberia se lá está na primavera ou no outono”, “porque um dia pretendo estudar geografia na universidade”, “se você for um (a) agricultor (a) você pode saber que solo é favorável para que tipo de plantação”.

Há, no entanto aqueles alunos que afirmaram que a Geografia serve para: “para nada”, “para fazer bagunça”, “não vou fazer nada com ela”, “essa matéria não me faz falta nenhuma”, “é muito enjoado”.

Após todas estas constatações é possível concluir que a maioria dos alunos gosta da disciplina de Geografia, embora – principalmente os das 5ª e 6ª séries – tenham apresentado dificuldades de explicar como utilizam estes conhecimentos no seu dia-a-dia, para grande parte (aproximadamente 85%) a Geografia não passa de uma disciplina que possibilita aprender aspectos gerais da realidade ou uma “cultura geral”. Estas conclusões não diferem muito das de Kaercher (1999), visto que em sua pesquisa ele verificou que curiosidade e cultura geral são, sem dúvida, as visões mais freqüentes dos alunos com relação à Geografia que se ensina na escola.

Assim, como foi também constatado por Cavalcanti (1998) em seu trabalho, o grande problema está no fato de os alunos não conseguirem estabelecer relações entre os conteúdos da Geografia e a sua vivência.

Diante desses fatos faz-se necessário que nós professores procuremos trabalhar os conteúdos de forma significativa para o aluno, utilizando linguagens e metodologias apropriadas para cada série, facilitando assim a compreensão da importância da disciplina e de seus conteúdos. O que isso quer dizer? Tentar inserir o aluno no que está sendo ministrado, fazendo com que ele perceba que é um agente participante e transformador do espaço geográfico. Já que, generalizando, para eles *a Geografia serve para conhecer melhor o mundo* devemos fazer com eles não se sintam alheios a esse mundo, que os acontecimentos dos lugares estudados na escola, por mais longínquos que sejam, são tão importantes quanto os do nosso país, estado ou da cidade.

De acordo com Callai (2001), ao se ensinar Geografia devemos considerar o aluno e a sociedade em que ele vive para que o conteúdo não seja uma coisa alheia,

distante, desligada da realidade, caso contrário, como é afirmado por Resende (1989), a verdade geográfica do indivíduo se perde, e a geografia torna-se alheia a ele.

3.5- Nós gostamos de Geografia: Perfil dos alunos que gostam de Geografia

A maioria dos alunos que gostam de Geografia mora na zona urbana do município. Destes, apenas uma minoria trabalha, exercendo atividades como: trabalhador rural, comerciante, marceneiro, empregada doméstica e balconista.

Dentre o que estes alunos mais gostam de fazer nas horas de lazer destaca-se o *assistir televisão*, seguido da *prática de esportes* e da *leitura*, não diferenciando dos demais alunos pesquisados.

Quanto as suas expectativas com relação à disciplina de Geografia na sua vida, para a maior parte destes alunos, a Geografia de um modo geral, serve para estudar sobre o mundo, para a orientação e localização no espaço, para entender os fenômenos climáticos e a economia, estudar mapas. As expressões mais citadas foram: “para nos orientarmos e localizarmos”, “para informar sobre o mundo”, “para sabermos utilizar os mapas”, “saber as condições de tempo, sobre o relevo dos países”, “o que ela ensina é muito importante, tipo, localização dos lugares, coisas sobre o nosso país, sem contar o que ela fala sobre economia e essas coisas”. Há também aqueles que assumem que a Geografia está presente no cotidiano: “porque gostando ou não ela faz parte do nosso dia-a-dia, no nosso convívio em casa, na escola, na rua, no trabalho”, “com ela aprendemos as questões sociais, a relação do homem com o espaço”, “porque um dia pretendo estudar geografia na universidade”, “com a grande Globalização do mundo é necessário saber o que acontece”.

Já os alunos que gostam de Geografia, residentes na zona rural, apresentam um perfil pouco diferenciado dos da área urbana. A maioria dos alunos é trabalhadora, e exercem atividades do campo e algumas são babás na cidade.

Nas horas de lazer a maioria desses alunos gosta de ler livros, ao contrário dos alunos da zona urbana em que a atividade preferida é assistir televisão.

Para essas crianças e adolescentes a disciplina de Geografia serve para fornecer informações sobre o mundo, o clima, o relevo, os nomes dos estados, a localização dos lugares, o nosso país, as transformações da Terra, a economia, a política, questão social,

atualidades: “sabemos sobre as transformações da Terra, sobre o relevo e a localização da minha cidade”, “para a gente saber coisas que nos rodeiam”, “compreendemos não só o nosso país, mas outros, envolvendo política, economia, questão social”, “ela me faz ficar inserida às atualidades do mundo”, “saber ler mapas”, “para nos orientar e localizar”. Porém alguns alunos escreveram sobre aplicabilidades concretas do conteúdo de Geografia para a sua vida futura: “quando for comprar um terreno precisarei da Geografia”, “posso ser uma professora de Geografia”, “sem a Geografia se eu tivesse que viajar, por exemplo, para os Estados Unidos, eu não saberia se lá está na primavera ou no outono”, “se você for um (a) agricultor (a) você pode saber que solo é favorável para que tipo de plantação”.

Ao se elaborar um perfil dos alunos que gostam da disciplina de Geografia, houve uma tentativa também de estabelecer relações entre os relatos dos alunos da zona rural e urbana. No que se refere aos alunos trabalhadores, observou-se que a maioria corresponde aos alunos da zona rural e as profissões não se diferem muito das dos alunos da zona urbana. Porém, a profissão que mais apareceu foi a de trabalhador rural, pois o município de Paula Cândido tem a sua economia voltada para o setor primário.

Como já foi afirmado anteriormente, para a maioria dos alunos que gostam de Geografia os conteúdos desta disciplina têm algum tipo de relação com o seu dia-a-dia, no entanto eles demonstraram certa dificuldade em apresentar a utilidade e importância do que aprende nesta disciplina para a sua vida. Todos elencaram conteúdos e temas, mas só alguns, sobretudo os da zona rural, vêm mais sentido na Geografia que se ensina na escola. Estes conseguiram explicitar como realmente poderão utilizar os conhecimentos adquiridos nas aulas de Geografia no seu dia-a-dia.

3.6- Palavras e aulas marcantes...

Com relação às lembranças sobre os conteúdos e assuntos mais abordados nas aulas de Geografia, os alunos apresentaram respostas que variaram muito, o que pode ser observado através da análise das respostas de acordo com cada série.

Analisando as respostas dos alunos das 5^a séries, verificou-se que vários citaram expressões que relatam a relação entre eles e a professora. Isso também pôde ser constatado quando eles apontam a razão para gostarem ou não de Geografia. Os outros

alunos citaram termos como: espaço, planeta, mundo, clima, água, atmosfera, relevo, altitude, país, estudo da Terra.

Grande parte dos alunos das 6^a séries citou termos e palavras do tipo: mapas, relevos, estados, mundo, território e clima, mundo geográfico, hidrografia, cidades, regiões do Brasil, espaço, fronteiras, siglas, países, sistema solar, natureza. Dentre estes termos, o mais citado foi “mapa” (20,59%), palavra não lembrada pelos alunos das 5^a séries. Os demais alunos escreveram que a palavra Geografia lembra coisas ruins, utilizaram termos do tipo: “fico doida”, “chata”, “ninguém merece!”, “todas as palavras ruins”, “dificuldades e problemas”, “o inferno”, “eu odeio Geografia”. Alguns alunos também escreveram que não vem nada à cabeça quando ouve a palavra Geografia.

A maioria dos alunos das 7^a séries escreveu: mundo, continente, países, mapa, clima, vegetação, relevo, hidrografia, economia, água, revolução, estados, estatística; desses, a palavra mapa foi a mais citada. Há também expressões do tipo: “eu penso no mundo lá fora”. Para parte dos alunos das 7^a séries a Geografia é uma matéria muito difícil e que exige muito estudo, pois quando ouvem a palavra Geografia lhes vem à cabeça palavras e expressões do tipo: “estudar muito”, “prova difícil”, “disciplina”, “matéria mais difícil”. Eles também lembram da professora, e suas respostas quando se referem a ela permitem concluir que há uma boa relação entre eles: “professora brincalhona”. Como nas outras séries palavras e expressões como “chato”, “tô fora”, também apareceram nestes questionários.

Nas 8^a séries as respostas foram bem variadas: relevo, hidrografia, clima, mundo, países, mapas, continentes, política, globalização, economia, população, desenvolvimento e subdesenvolvimento, estados, IBGE, “o estudo do homem no universo”.

Percebe-se então que as palavras mencionadas pelos alunos retratam os conteúdos que estavam sendo estudados em sala de aula, ou que já foram vistos no decorrer das séries anteriores.

Entre as palavras mais comumente relacionadas à Geografia há um predomínio daquelas relacionadas aos assuntos ligados à natureza. Para a maioria dos alunos a Geografia está longe da inter-relação homem-natureza, pois as idéias ligadas a este aspecto são bem residuais, se comparadas às anteriores. Desta forma, como atesta Couto

(2002) em sua pesquisa, os conteúdos evidenciam um espaço-palco, receptáculo anterior e independente da ação humana.

A fim de verificar algum tipo de metodologia utilizada pelos professores, ou uma aula marcante para os alunos, foram realizadas perguntas induzindo o aluno relatar uma aula de qualquer disciplina que foi inesquecível e uma de Geografia. Grande parte dos alunos de todas as séries respondeu que não lembrava, ou apenas escreveu o nome da disciplina ou do conteúdo trabalhado, mas de maneira muito vaga.

Nas 5ª séries foi ressaltada uma aula de Português em que a professora fez uma brincadeira de “torta na cara” e uma de Geografia em que a professora saiu da sala para ver as paisagens. Os outros, exceto os que escreveram nomes de conteúdos – relevo, clima, latitude e longitude –, afirmaram que não se lembravam, principalmente, os que não gostam de Geografia.

Nas 6ª séries ressaltaram uma aula de Matemática, mas não explicaram como foi. Com relação à aula de Geografia, foi citada uma em que a professora, nas palavras de um deles, “fala da nossa região Sudeste”, outra em que foi realizada uma brincadeira chamada “Amigo Chocolate” e quando a professora levou um vídeo sobre o Rio São Francisco. Mas a maioria apontou os conteúdos trabalhados – o relevo, os países, os mapas, sistema solar, a água.

Nas 7ª séries as aulas mais apontadas como inesquecíveis foram as de Português e História, em terceiro estão as de Geografia. Quanto às aulas de Geografia, nestas séries a maioria dos alunos considerou inesquecível uma aula em que a professora deixou que eles trabalhassem em grupos e organizou uma “gincana” de perguntas e respostas entre os grupos, e é claro, era uma atividade avaliativa. Apareceram também aquelas respostas que citaram os conteúdos trabalhados: aulas sobre a 2ª Guerra Mundial, Guerra Fria, sobre o Brasil, sobre o petróleo, economia.

A maioria dos alunos das 8ª séries apontou uma aula de Matemática em que a professora levou-os a um passeio a uma cidade próxima, estes alunos também citaram as aulas de Educação Física e de Ciências (aula em que a professora fez uma experiência na sala). Quanto à aula de Geografia, uma parcela dos alunos relatou que as aulas são sempre do mesmo jeito, outros apontaram uma em que teve perguntas valendo pontos e, como aconteceu nas outras séries, vários alunos citaram conteúdos e temas como: continente africano; continente asiático; Extremo Oriente; Europa – aspectos

Populacionais; América; relevo; política; discussão sobre desenvolvimento, subdesenvolvimento e globalização; Geografia é o estudo do homem e o universo.

Pode-se afirmar então que, na maioria das vezes, os alunos citaram conteúdos que estavam sendo trabalhados pela professora na época da aplicação dos questionários. Houve também referências a algumas metodologias utilizadas pelas professoras que tornaram as aulas inesquecíveis: a aula de Geografia em que a professora saiu da sala para ver as paisagens (aula de campo), utilização de vídeo pela professora, trabalhos em grupo; uma aula de Português em que a professora fez uma brincadeira de “torta na cara” e uma de Ciências em que a professora fez uma experiência na sala.

Aqui fica também reforçada a importância da forma com que trabalhamos os conteúdos em sala de aula, tanto de Geografia quanto das demais disciplinas, tornando-os mais significativos para os nossos alunos. Nota-se, nas palavras dos alunos, que a aula fica mais interessante quando eles podem ver na prática o conteúdo que está sendo ministrado pelo professor, como é o caso das aulas de campo em Geografia e experimentos realizados nas aulas de Ciências. Os conteúdos, no caso da Geografia, exigem certa capacidade de abstração por parte dos alunos, e nada melhor, de acordo com os estudos de Cunha (1989), do que partir do concreto para o abstrato, da prática para a teoria, pois os alunos precisam visualizar o concreto para compreender intelectualmente um fenômeno e poder abstrair depois. Isto talvez represente o principal motivo dos alunos, principalmente para os alunos das 5ª séries, apresentarem dificuldades em relatar a aplicabilidade da Geografia em sua vida e até mesmo “gostar” desta disciplina.

Como pode ser observado nos relatos anteriores, os alunos das 5ª e 6ª séries foram os que apresentaram maior dificuldade e certa resistência com relação às aulas de Geografia e a associaram, com mais ênfase, a palavras e expressões negativas: “chata”, “ninguém merece!”, “todas as palavras ruins”, “dificuldades e problemas”, “o inferno”, “eu odeio Geografia”. Já os alunos das 7ª e 8ª séries apresentaram uma gama maior de palavras e expressões referentes ao conteúdo da disciplina. Estas diferenças podem ser decorrentes do desenvolvimento cognitivo dos alunos de acordo com cada uma destas séries. Por isso, faz-se necessário não só repensar a utilização de linguagens e metodologias adequadas a cada série, mas também os conteúdos a serem trabalhados em

cada uma delas, para que se não exija mais do que o aluno possa realmente apreender e que o que seja ministrado em sala de aula seja realmente significativo para a vida dele.

A adequação dos conteúdos geográficos está associada aos conceitos a serem construídos. A análise dos conceitos em sua complexidade e dos níveis de domínio pela criança ou adolescente deve ser considerada pelo professor no processo de ensino-aprendizagem. Os estudos epistemológicos e da psicologia oferecem fundamentos para uma análise da formação e aquisição dos conceitos geográficos. (PAGANELLI, 2002, p. 150)

Segundo Paganelli (2002), a seleção e organização dos conteúdos e dos conceitos constituem em item de todo e qualquer Planejamento Curricular de Ensino. Em princípio, os conteúdos geográficos são aqueles que se estabeleceu ou se estabelece como conteúdos no campo da ciência geográfica e o seu ensino, num determinado contexto.

De acordo com os PCNs (1998b), o estudo da Geografia permite que os alunos desenvolvam hábitos e construam valores significativos para a vida em sociedade. Os conteúdos selecionados devem permitir o pleno desenvolvimento do papel de cada um na construção de uma identidade com o lugar onde vive e, em sentido mais abrangente, com a nação brasileira e mesmo com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos dados já descritos, pode-se inferir que há um descontentamento quanto ao modo de trabalhar a Geografia na escola e percebem-se dificuldades de compreender a utilidade dos conteúdos trabalhados.

Isso pode ser analisado a partir da retomada de algumas respostas dos alunos sobre o ensino de Geografia. Por exemplo, alguns alunos responderam por que gostam/não gostam de Geografia: “porque eu gosto”, “a matéria e a aula são chatas”, “a professora é legal e explica bem”, “acho muito difícil”, “porque não gosto da aula”, “porque apesar de ter dificuldade tenho uma boa professora”.

No que se refere à metodologia utilizada pelas professoras, dos alunos que responderam, apenas um da 5ª série e os das 7ª séries relataram algo do tipo: “ao dia que a professora saiu da sala para ver as paisagens” (5ª série) e “quando a professora dividiu a sala em grupos e organizou uma “gincana” de perguntas e respostas entre os grupos (7ª séries)” – questionário este que provavelmente teria que ser “memorizado” no momento de estudar para a prova. Já a maioria dos alunos das 8ª séries afirmou não haver destaque para nenhuma aula de Geografia.

O que se percebe é que as relações entre professores e alunos, o tipo de metodologia é que são caracterizados como pontos de descontentamento com o ensino de Geografia, não pontos referentes ao conteúdo propriamente dito. De acordo com Cavalcanti (1998), constantemente têm sido feitas denúncias sobre esses pontos na prática de ensino de Geografia. Ela destaca entre eles, o formalismo que está presente na rotina da escola como um todo e não apenas no ensino de determinadas matérias. Entretanto, no caso específico do ensino de Geografia, ele parece tomar grandes proporções, seja porque o tipo de conteúdo trabalhado favorece esse formalismo, seja porque há efetivamente dificuldades – por parte dos professores e de outros agentes envolvidos na escola – em provocar o envolvimento real dos alunos com o conteúdo trabalhado.

Segundo Cavalcanti (1998), a prática cotidiana de crianças e adolescentes de classes sociais mais baixas é composta de uma espacialidade imediata muito restrita e de uma requisição baixa de reflexão, geralmente com pouca experiência e pouco conhecimento de lugares diferentes até mesmo dentro de sua cidade, o que lhes dá um

restrito horizonte geográfico. Este é o caso da maioria dos alunos questionados nesta pesquisa.

O mundo fora da prática imediata é geralmente mostrado apenas pela televisão, e nela os lugares do mundo são espetáculos “à parte”, vistos como fora de suas vidas. Sendo assim, os conteúdos de Geografia trabalhados na sala de aula ficam muito distantes do campo de visão e de preocupação dos alunos. (CAVALCANTI, 1998, p. 132)

Diante de tais constatações é preciso encontrar formas de superar esse formalismo e de envolver ativamente o aluno no processo de seu ensino.

Para superar o formalismo didático no ensino de Geografia é preciso, entre outras coisas, que os professores e alunos estejam realmente envolvidos no processo de ensino, o que requer a organização de atividades levando em conta as necessidades individuais e sociais dos alunos, as condições concretas em que o ensino se realiza e os modos mais adequados de tratamento dos conteúdos para que os alunos estejam em atividade intelectual permanente e possam, assim, construir seu conhecimento.

Para tanto, é imprescindível que o professor, ao relacionar o conteúdo dos seus temas, tenha o cuidado de não pretender estar formando geógrafos (PCN, 1998b). Seu papel deve ser o de um educador que está colocando o seu saber, como especialista, para criar condições para os alunos construírem um conhecimento crítico sobre o mundo. Criar condições para formar cidadãos que saibam trabalhar com o saber geográfico. Além disso, o professor deverá ter clareza de método e objeto na escolha e no modo de trabalhar seus temas e conteúdos. É essencial que não perca de vista que seu objeto de estudo e de ensino é o espaço geográfico: seu território, paisagens e lugares (PCN, 1998b).

Quando os alunos foram questionados sobre a relação desta disciplina com o seu dia-a-dia, sobre sua utilidade e sua importância as respostas foram do tipo: “Não. Porque ela não tem nada a ver com a minha vida”, “para me orientar”, “para aprender”, “para aprender sobre o clima e o tempo”, “para nada”, “para nos localizar”, “para entender o mundo”, para saber sobre mapas e montanhas”; “(...) para informar sobre as atualidades do mundo globalizado”, “até hoje a Geografia não me fez falta”. Pelo que se pode verificar a dificuldade do aluno não está em dizer o que se estuda em Geografia, mas em apontar utilidades do que se estuda nessa matéria para a vida cotidiana dele e das pessoas em geral.

Nesse raciocínio, um dos caminhos é o de buscar clareza quanto à utilidade dos conhecimentos que a Geografia veicula para a vida das pessoas em geral e para a dos alunos.

Adquirir conhecimentos básicos da Geografia é algo importante para a vida em sociedade, em particular para o desempenho das funções de cidadania: “cada cidadão, ao conhecer as características sociais, culturais e naturais do lugar onde vive, bem como as de outros lugares, pode comparar, explicar compreender e espacializar as múltiplas relações que diferentes sociedades em épocas variadas estabeleceram e estabelecem com a natureza na construção de seu espaço geográfico” (PCN, 1998b). A aquisição desses conhecimentos permite maior consciência dos limites e responsabilidades da ação individual e coletiva com relação ao seu lugar e a contextos mais amplos, da escala nacional a mundial.

Pelo trabalho, nota-se que há alguns alunos, principalmente os das 7ª e 8ª séries, que já possuem uma visão mais clara da utilidade da Geografia para as suas vidas: “para o estudo do homem e o espaço”; “ gostando ou não ela faz parte do nosso dia-a-dia, no nosso convívio em casa, na escola, na rua, no trabalho”, “com ela aprendemos as questões sociais, a relação do homem com o espaço”; “(...) dela estar sempre presente em nosso dia-a-dia (...)”.

Porém, estas são apenas exceções, pois como já foi colocado anteriormente a Geografia, para a maioria, não passa de uma disciplina que fornece informações sobre o mundo (clima, relevo, hidrografia, população, economia, política). Outra imagem bem freqüente nas respostas dos alunos foi a do mapa. E o que ficou muito explícito quanto à utilidade da Geografia diz respeito à localização, à possibilidade de localizar lugares no mundo, a Geografia como sinônimo de cartografia, de mapa.

Se o aluno não vê a utilidade prática do que é ensinado nas aulas de Geografia, ele perde o interesse pela disciplina, encontrando muitas dificuldades na assimilação dos conteúdos, por isso quando questionados, alguns apontam a Geografia como uma disciplina chata e difícil. Porém, isto não é apenas um estigma da Geografia, parece, como vimos, ser das demais disciplinas escolares e da escola.

A Geografia na escola deve estar voltada para o estudo de conhecimentos cotidianos trazidos pelos alunos e para seu confronto com o saber sistematizado que estrutura o raciocínio Geográfico. Porém, os dados aqui trabalhados a respeito das falas

dos alunos sobre o ensino de Geografia na Escola Estadual Professor Samuel João de Deus demonstram que o conhecimento geográfico, considerado tão útil à prática social cotidiana, é ainda muito desprezado na escola.

A função atual do ensino da Geografia na escola se deve à necessidade que têm os homens em formação, tornando-se maduros para o cotidiano, em apreender o papel do espaço na prática cotidiana (CAVALCANTI, 1998). Para tanto, pode-se argumentar pela necessidade de os alunos conhecerem o mundo em que vivem, de localizarem alguns pontos importantes nesse mundo, de representá-lo por meio de palavras e mapas. Esses foram, com efeito, os motivos do estudo da Geografia mais apontados pelos alunos da pesquisa. Mas é preciso acrescentar que sua função não se resume a eles. Estes são apenas pré-requisitos para a função mais importante da Geografia que é formar uma consciência espacial, um raciocínio geográfico.

E formar uma consciência espacial é mais do que conhecer e localizar, é analisar, é sentir, é compreender a espacialidade das práticas sociais para poder intervir nelas a partir de convicções, elevando a prática cotidiana, acima das ações particulares, ao nível do humano genérico. (CAVALCANTI, 1998, p, 128)

Pelo que foi analisado sobre o cotidiano da escola, percebe-se que ela tem tido limites para cumprir essa função da Geografia. Mas, os problemas não podem ser analisados somente no interior dessa matéria de ensino visto que ela sozinha – assim como nenhuma outra disciplina – não dá conta dos objetivos a que a escola se propõe. Os problemas são detectados na estrutura da escola como um todo e estão ligados ao movimento social mais amplo, no momento em que se dá prioridade à estrutura econômica em detrimento da social, relegando a educação pública a segundo plano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Ivan A. do. O ensino de Ciências e o desafio do fracasso escolar. In: SANFELICE, José L. (org). **A Universidade e o ensino de 1º e 2º graus**. Campinas: Papirus, 1998. p. 69-80.
- BRADANT, Jean. M. Crise da Geografia, Crise da Escola. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. (org). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1990. p. 15-23.
- BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental – Introdução**. Brasília: MEC/SEF, 1998a. 173p.
- BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental – Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998b. 155p.
- CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C. *et al* (orgs). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 3ª ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 2001. p. 57-63.
- CAVALCANTI, Lana de S. **Geografia, Escola e Construção do Conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998. 192p.
- CORRÊA, Rosa Maria. **Dificuldades no aprender: um outro modo de olhar**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 65-79.
- COUTO, Marcos Antônio Campos. O conceito de espaço geográfico nas obras didáticas: o espaço viúvo do homem. In: PONTUSCHKA, Nídia N. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 323-329.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1989. p. 65-151.
- DORCH, Hartmut *et al* (orgs). **Dicionário de Psicologia Dorch**. Petrópolis: Vozes, 2001. p.475.
- KAERCHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no Ensino de Geografia**. 3ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. 150p.
- KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia N. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 221-231.
- KUETHE, James L. **O ensino-aprendizagem**. Porto Alegre: Editora Globo, 1977.

MARCONI, Marina de A. e LAKATOS, Eva M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1986.

MIRAS, Mariana. Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios. In: COLL, César *et al* (orgs). **O construtivismo na sala de aula**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2004. 57-78p.

OLIVEIRA, Lídia. O Ensino/Aprendizagem de Geografia nos diferentes níveis de ensino. In: PONTUSCHKA, Nídia N. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 217-220.

OLIVEIRA, Machado de. **Filosofia Contemporânea: Hume (1711-1776)**. Disponível em: <<http://www.filosofiavirtual.pro.br/hume.htm>> Acesso em 13 set. 2006.

ONRUBIA, Javier. Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir. In: COLL, César *et al* (orgs). **O construtivismo na sala de aula**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2004. 123-151p.

PAGANELLI, Tomoko Iyda. Reflexões sobre categorias, conceitos e conteúdos geográficos: seleção e organização. In: PONTUSCHKA, Nídia N. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 149-157.

PONTUSCHKA, Nídia N. Geografia, representações sociais e escola pública. **Terra Livre**. São Paulo, n. 15, p. 145-154, 2000.

RESENDE, Márcia M. S. O saber do aluno e o ensino de Geografia. In: VESENTINI, José Willian *et al* (org.). **Geografia e Ensino: Textos Críticos**. Campinas: Papirus, 1989. p. 83-115.

SEABRA, Odette C. de Lima. Educação, Território e Cidadania: aprender a aprender ensinando. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C. *et al* (orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 3ª ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 2001. p. 23-30.

SILVA, Rita E. D. Pereira da. A aula de Geografia (re)vista de fora da sala. **Revista Geografia e Ensino**. Belo Horizonte, ano 7, n.1, p. 103-123, jan/dez. 1998.

SOLÉ, Isabel; COLL, César. Os professores e a concepção construtivista. In: COLL, César *et al* (orgs). **O construtivismo na sala de aula**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2004. 9-28p.

VLACH, Vânia Rúbia F. Sociedade Moderna, Educação e Ensino de Geografia. In: VEIGA, Ilma Passos A.; CARDOSO, Maria Helena F. (orgs.). **Escola Fundamental: currículo e ensino**. Campinas: Papirus, 1991. p. 171-184.